



Também para os paraplégicos são organizadas as Olimpíadas a cada quatro anos, nas quais participam atletas de todas as partes do mundo. São exatamente suas deficiências físicas que os impelem a valorizar todas as energias, também aquelas das quais nem tinham consciência de possuir. Existe entre eles entusiasmo, coragem, empenho, serenidade. Estes jovens corajosos têm muito a nos ensinar.



Enoque Ribeiro Mens treina com seus colegas. Tornou-se conhecido por sua excelente atuação junto à seleção nacional em vários jogos internacionais de basquetebol em cadeiras de rodas.

OS PARAPLÉGICOS TAMBÉM SÃO CAMPEÕES

Ao entrevistar o atleta, a televisão focalizou somente seu rosto. Parecia não querer mostrar que ele era paraplégico, não sei se por receio de deixá-lo embaraçado, ou quem sabe para não impressionar os espectadores...» Este foi um dos comentários que Celsino Húngaro, presidente do Clube dos Paraplégicos de São Paulo, tecia a respeito de uma reportagem. «É verdade – continuava Celsino – que muitas vezes o deficiente físico sente vergonha de sua deficiência ou, como freqüentemente acontece, é a própria família que o esconde. Esta

dificuldade se apresenta principalmente nos primeiros contatos de um paraplégico com nosso clube. Mas, aos poucos, com a amizade e a liberdade que encontra entre nós, começa a se integrar. Então, percebe que não há motivos para sentir-se constrangido em relação à cadeira de rodas ou aos próprios defeitos físicos. Por isso, eu acho que aquele atleta paraplégico teria preferido aparecer por inteiro e, de outra parte, os espectadores teriam possibilidade de perceber que também os paraplégicos conseguem ganhar medalhas em competições desportivas».

Importância do esporte para o deficiente físico

Celsino Húngaro, num agradável bate-papo, explicava-me com serenidade a importância do esporte para os paraplégicos: «Se o deficiente físico – dizia-me ele – demonstra capacidade de praticar esporte, quer dizer que ele também pode trabalhar e se integrar normalmente na sociedade».

Na verdade, o esporte permite ao deficiente físico desenvolver suas habilidades, talvez por muito tempo igno-

radas ou não utilizadas. O exercício físico amplia suas possibilidades de movimento e garante condições físicas necessárias para exercer uma atividade produtiva. E, do ponto de vista psicológico, é muito importante ao paraplético exercer qualquer atividade produtiva, pois, com isso, sente-se útil, adquire confiança em si mesmo e cria coragem para enfrentar as dificuldades do relacionamento social.

O esporte para o deficiente físico é importante principalmente por um outro aspecto, que é menos evidente à primeira vista. É justamente pelo fato de estabelecer um relacionamento entre pessoas que têm as mesmas condições de vida e locomoção. É essencial para o deficiente físico experimentar, a um certo momento de sua vida, esta convivência, pois ele se encontra constantemente como um estranho, como um anormal, em meio a uma sociedade onde tudo está organizado em função de pessoas fisicamente normais. Os meios de transporte, as construções, os ambientes não atendem às suas necessidades específicas. Ele vive em «desarmonia» com a sociedade e tende a se marginalizar. No entanto, a atividade esportiva exercida junto com outras pessoas que têm limites e necessidades semelhantes, proporciona-lhe um

ambiente com o qual pode se identificar e experimentar uma convivência de certa forma harmoniosa. Neste ambiente vai descobrindo suas possibilidades, adquirindo confiança em si mesmo e convencendo-se de seu próprio valor. Esta experiência é muito mais marcante e profunda do que a simples constatação de que «existem outros em piores condições do que eu». É uma experiência que fortalece a personalidade do paraplético e o capacita a enfrentar o «mundo dos normais».

O Clube dos Parapléticos

Quando Celsino – que também é paraplético – entrou em contato com o Clube dos Parapléticos de São Paulo, em 1971, já fazia 25 anos que estava trabalhando, tinha constituído família, e seus dois filhos já eram adultos. Consciente da importância do esporte para os deficientes físicos, dedicou-se de corpo e alma, com outros amigos, a reativar o Clube, que havia passado por um período de relativo recesso. Enfrentaram muitas dificuldades, desde a falta de material e de sede para a prática de esportes, até a falta de apoio público. Só agora está encaminhando, na Prefeitura de São Paulo, o processo para a

doação do terreno, onde construirão a sede do Clube. Não obstante tudo isso, atualmente são mais de 150 os socios ativos e seus atletas participam de vários jogos sobre cadeiras de rodas.

Todos os anos, por exemplo, estes desportistas participam dos Jogos Nacionais em Cadeiras de Rodas, que reúnem representantes de clubes de Parapléticos do Brasil. Além do Clube dos Parapléticos de São Paulo, normalmente têm uma participação significativa os quatro clubes do Rio de Janeiro, quais sejam, o Clube do Paraplético da Guanabara, o Clube do Otimismo da SADEF (Sociedade de Auxílio ao Deficiente Físico), a ABBR (Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação) e o Clube do Saci. Nos últimos anos, começaram a participar também outras associações do mesmo gênero, que estão se desenvolvendo no Paraná, no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul. Os Jogos Nacionais sobre cadeiras de rodas são espetaculares competições que reúnem anualmente desportistas e espectadores num clima de grande entusiasmo e calorosa torcida. Estes campeonatos são organizados pela ANDE (Associação Nacional para o Desporto do Excepcional) filiada ao CND (Conselho Nacional de Desportos). A ANDE organiza também delegações brasileiras para os jogos internacionais em Cadeiras de Rodas.

Os Jogos Internacionais em Cadeiras de Rodas

Todos os anos, uma delegação brasileira participa dos Jogos Mundiais em Stoke Mandeville (Inglaterra); a cada dois anos, dos Jogos Pan-Americanos; a cada 4 anos, das Olimpíadas especiais que reúnem desportistas parapléticos de todas as nações. Neste ano, os Jogos Pan-Americanos serão realizados no México (os de 1978 realizaram-se no Rio de Janeiro). Também neste ano, serão realizados os Jogos Olímpicos do mesmo gênero na Holanda (os que 1976 realizaram-se em Toronto, Canadá).

Tanto nos Jogos Nacionais quanto nos Internacionais, são disputadas diversas modalidades: basquetebol, natação, esgrima (espada, florete, sabre), arremesso de disco, arremesso de peso, arremesso de dardo, halterofilismo, arco e flecha, slaloom (corrida com obstáculos sobre cadeiras de rodas), maratona, corrida (60, 100 e 800 metros), revezamento, salto em extensão e salto em altura. É claro que competem entre si os atletas que têm o mesmo grau de mobilidade física.



Celsino Húngaro, presidente do Clube dos Parapléticos de São Paulo: «Não há motivos para sentir-se constrangido em relação à cadeira de rodas ou aos próprios defeitos físicos».

Como nasceram os jogos para os deficientes físicos

O idealizador dos jogos para deficientes físicos foi o médico alemão Ludwing Guttman, que se radicou na Inglaterra. Durante a segunda guerra mundial, introduziu o esporte como parte do tratamento de paraplegia, no Hospital de Stoke Mandeville. Em julho de 1948 realizaram-se os primeiros Jogos em Cadeiras de Rodas, em que 16 homens e mulheres participaram de uma prova de tiro ao arco. Nos anos seguintes, os jogos foram ampliados com novas modalidades, até que o esporte de paraplégicos foi reconhecido internacionalmente, em 1956, quando o Comitê Olímpico Internacional, durante as Olimpíadas de Melbourne, outorgou a Copa Fearnley aos organizadores dos jogos de Stoke Mandeville. Daí por diante, de quatro em quatro anos, realizaram-se os Jogos Olímpicos dos Paralímpicos, sucessivamente em Roma (1960), Tóquio (1964), Israel (1968), Heidelberg (1972), em Toronto (1976) e os próximos serão na Holanda (1980), como já dissemos.

O mesmo doutor Ludwing Guttman fundou, em 1960, a Associação Esportiva Britânica para Deficientes Físicos e promoveu a construção do grande Centro de Esportes especiais de Stoke Mandeville, a 40 quilômetros de Londres. (É neste centro esportivo que, como já acenamos, realizam-se anualmente os Jogos Mundiais em Cadeiras de Rodas).

A Mudança de Mentalidade

Associações e centros esportivos como este estão sendo promovidos em várias partes do mundo. Isto significa que, pouco a pouco, a mentalidade popular está se transformando, principalmente devido à iniciativa e à criatividade dos próprios deficientes físicos. Ao praticar com entusiasmo todas as modalidades de esporte, eles demonstram que ser fisicamente diferente não significa ser inferior. Com isso, a sensibilidade do povo vai evoluindo, isto é, abandonam-se as expressões vagas de compaixão e piedade, para se assumir formas concretas de colaboração e amizade para com os deficientes físicos. Com isso, aspectos elementares da vida humana, como o sofrimento, são encarados de nova maneira. Com efeito, o relacionamento com deficientes físicos, num afetuoso clima de amizade e igualdade, leva as pessoas —também as fisicamente normais — a descobrirem



Ana Jurkévicz: «Senti que tinha vencido outras vezes e que podia vencer também desta vez».

que o sofrimento não é um fantasma do qual fugir, mas uma dimensão altamente enriquecedora, a ser integrada na vida pessoal e na dinâmica da sociedade. Percebe-se, enfim, que o sofrimento é, realmente, fonte de novas energias e revelador de uma nova dimensão da vida.

Não é difícil constatar o que acabei de dizer. Basta participar dos jogos sobre cadeiras de rodas e entrar em contato pessoal com esses atletas. Vinícius Gaspar Viana, por exemplo, é halterofilista paraplégico e já levantou 125 quilos, sendo medalha de ouro nos Jogos do Canadá, além de bronze na Inglaterra e de prata no México. Diz ele: «Quando me acidentei, eu perdi tudo. O emprego, a namorada, a motivação e a condição de me locomover. Mas durante o tempo em que fiquei hospitalizado, pensei muito e cheguei à conclusão de que não necessitava apenas das pernas para viver. Com força de vontade me reabilitaria, com o auxílio de uma cadeira de rodas ou de aparelhos». Agora Vinícius já terminou o curso de Direito e está trabalhando, perfeitamente integrado na vida social.

Heloísa Chagas tem experiência semelhante. Hoje trabalha como psicóloga na AACD (Associação de Assistência à Criança Defeituosa) e está montando sua própria clínica. É com simplicidade que ela me mostrou também suas inúmeras medalhas conquistadas em competições de tênis de mesa. Interessante é notar que o mesmo ânimo e «garra» das competições ela demonstra nas suas intensas atividades diárias.

Poderia ainda citar inúmeros outros

casos de atletas paralímpicos, que se reintegraram perfeitamente na vida social, desenvolvendo atividades de esporte, de criatividade, de trabalho. Estas pessoas encontraram no esporte um meio importante para ampliar suas possibilidades físicas, para desenvolver sua mobilidade e independência, para trabalhar e se relacionar normalmente. No esporte desenvolve-se a iniciativa pessoal e experimenta-se a convivência com outras pessoas. Isto reforça de tal forma a personalidade do deficiente físico, que o torna capaz de enfrentar não só todos os obstáculos que a vida no dia-a-dia lhe propõe, mas também para enfrentar situações excepcionalmente difíceis. É o que nos diz Ana Jurkévicz, que participou de várias competições desportivas: «Quando, já reabilitada, tive que novamente sofrer novas cirurgias e ficar imobilizada no leito, para o tratamento de escaras, decidi não ceder ao cansaço, nem ao desânimo. Senti que já tinha vencido outras vezes e que podia vencer também desta vez. Mas sobretudo senti-me ligada a outras pessoas que sofrem como eu e também senti o afeto de muitos amigos, alguns conhecidos por ocasião das competições. Isto me deu uma força incrível para suportar, com equilíbrio, momentos terríveis».

Estes, como tantos outros testemunhos de atletas paralímpicos, nos fazem perceber a importância do esporte, não só como fator de desenvolvimento das habilidades físicas individuais, mas sobretudo como formador da própria personalidade e criador de vínculos que nos ligam em uma só família.

Reinaldo Matias Fleuri